

### DOSSIÊ **Minorias** e suas representações

#### Editorial

#### Minorias e suas representações

*Ana Maria Dietrich – Editora-chefe*

*Antonio Gasparetto Júnior – Editor-assistente*

A *Contemporâneos-Revista de Artes e Humanidades* chega a seu oitavo número discutindo uma temática muito pertinente às questões da Contemporaneidade: as minorias e suas representações. Em um mundo globalizado, a questão das minorias e sua representatividade nos jogos de poder é essencial. Concebemos minorias como grupos que pela sua trajetória histórica ou por sua representação social não têm os mesmos direitos que as maiorias, porém sua relevância é expressiva nos cenários socioculturais. Como o historiador Eric Hobsbawm afirma, a globalização se afirma no seu reverso, ou melhor, o processo globalizador faz recrudescer as representações fundamentais, constatando-se um retorno às tradições. Na contemporaneidade, tais tradições são reinventadas e absorvem as formas globalizadas de conceber o mundo. Fortalecem-se assim movimentos de grupos minoritários como das mulheres, dos homossexuais, dos negros e de uma grande sorte de grupos que não se legitimam na voz predominante e geram discursos e práticas sociais como resposta a esse conflito. Os discursos são aqui vistos como suas representações – falas/ gestos/ obras que têm seu referencial no real, mas como diz Chartier, podem ser invertidas, mascaradas, encobertas e subvertidas. Daí a beleza de quem se situa nesse espaço de fala das artes e humanidades, o espaço que nossos autores descortinaram essa temática nessa edição da *Contemporâneos*.

O dossiê “Minorias e suas Representações” apresenta nove artigos escritos por pesquisadores de diversos lugares do Brasil. Dois dos textos abordam a questão da masculinidade em situações distintas: “Masculinidade Precária” e “Masculinidades: reflexões em torno de aspectos históricos, sociais e culturais.”. O primeiro deles é de autoria de Djalma Thürler, professor da UFBA, o qual discute como a dramaturgia contemporânea dos anos 1990 contribuiu e contribui para um novo

status de masculinidade, analisando especialmente a obra de Egidio La Pasta. Já o segundo texto é escrito por Fábio Henrique Lopes, Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFRRJ, e destaca a dimensão histórica, social e cultural das masculinidades. O trabalho de Fábio Henrique Lopes tem como proposta explorar as maneiras pelas quais a sociedade concebe a masculinidade.

Três textos presentes no dossiê desta edição debatem questões culturais das minorias expressas em manifestações como o cinema, a literatura e a música. O artigo de Diogo Carvalho, mestrando em Cultura e Sociedade pela UFBA, intitulado “Cultura, Cinema e Populações Alógenas na URSS: da revolução ao stalinismo.”, problematiza os impactos da Revolução Russa na organização cultural da União Soviética. O autor faz um contraponto da produção cinematográfica entre o período leninista e o governo de Stalin. O texto “Literatura Imperial: a escrita poética feminina de Beatriz Brandão.” de Fernanda Pires Priamo, escrito em parceria com Nícea Helena de Almeida Nogueira e Leandro Pereira Gonçalves, ressalta uma das poucas mulheres a obter destaque no período imperial: Beatriz Francisca de Assis Brandão. Os autores exploram o papel feminino na sociedade do século XIX através da inserção intelectual de Beatriz Brandão em seu contexto histórico. Já Gustavo dos Santos Prado, mestrando em História pela PUC/SP, explora as letras das músicas de uma das maiores e mais importantes bandas de rock do Brasil: Legião Urbana. O pesquisador busca quebrar a imagem elitista que é apresentada sobre a banda demonstrando que o movimento juvenil da década de 1980 e diversas manifestações de grupos minoritários estão expressos nas canções da banda.

Os quatro trabalhos restantes no dossiê assumem debates diferenciados entre si. “A Imprensa Anarquista e sua Relação com as Minorias Políticas na Cidade de Bagé”, de autoria do jornalista Marcelo Pimenta e Silva e do acadêmico de Psicologia Rafael Brignol, é um trabalho que, além de resgatar a imprensa de Bagé, percebe-a como um instrumento de inclusão das minorias na sociedade. A pesquisa destaca os jornais *A Dor Humana* e *A Defesa* que difundiram ideias de liberdade e igualdade no movimento operário da cidade gaucha. O ensaio da mestranda em Artes pela UFES Hiáscara Alves Pereira, “Prisioneiros do Medo: a violência e seus indícios na arte e na arquitetura contemporânea.”, discute a violência urbana contemporânea através da descaracterização da arquitetura como reflexo do medo e do trabalho de alguns artistas que denunciam os mecanismos de aprisionamento do corpo. Por sua vez, “A Atualidade de Visão do Paraíso” mostra os impactos de uma das mais clássicas obras

da historiografia brasileira. José Adil Blanco de Lima, mestrando em História pela UFJF, explora a tese de Sérgio Buarque de Holanda para discorrer sobre sua recepção e os aspectos que a mantém atual na historiografia. E, finalizando o dossiê “Minorias e suas Representações”, Antonio Gasparetto Júnior, mestrando em História pela UFJF, analisa as estratégias em busca de sociabilidade de trabalhadores alemães reunidos na Sociedade Alemã de Beneficência em uma cidade mineira. “Mutualismo Alemão em Juiz de Fora: o reforço da identidade em perspectiva.” é um estudo de caso que demonstra também como esses imigrantes se organizavam para obter alguma segurança, tendo em vista que no final do século XIX e início do XX não havia nenhuma política social de proteção aos trabalhadores.

Há ainda dois textos que integram a seção de artigos livres na oitava edição da revista. “Olhos que Queimam: (não) lugares do olhar.” é um ensaio escrito pelos Professores da UDESC Fábio Francisco Feltrin de Souza e Émerson César de Campos e que explora a imagem do olho na cena inicial do filme *Um Cão Andaluz*. O texto analisa a crítica do conhecimento e busca uma compreensão das coisas fora das amarras autonômicas e funcionalistas do tempo cronológico. Os autores demonstram como a periodização é infrutífera em termos de espaço e tempo. Já o segundo artigo é uma contribuição internacional de Vicente Bernaschina Schürmann, da Universidade do Chile. Seu trabalho, “Poética do Tratado Estético: a cidade ‘sucesiva o las coordenadas habaneras’ do José Lezama Lima”, analisa as crônicas publicadas no *Jornal da Marinha* por Lezama Lima com o intuito de decifrar a função poética de seus textos.

A resenha desta edição é sobre o filme “Nós que Aqui Estamos, por Vós Esperamos”, dirigido por Marcelo Masagão. A análise é feita por Kátia Peixoto dos Santos e Leandro Daniel Santos Carvalho que, através das imagens do século XX exploradas na obra cinematográfica, destacam os significados e as implicações das realizações dos homens no decorrer do mesmo século e retratadas no filme.

Como é tradicional, a edição número oito da *Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades* traz importantes declarações acerca de questões relevantes para a vida cotidiana nas colunas *Opinião e Entrevistas*.

A coluna *Entrevistas* apresenta valorosas conversas sobre temas muito recorrentes. Uma delas é com José Jorge Siqueira, Professor Titular da Universidade Severino Sombra, que nos fala um pouco sobre a África e africanidade. A seção se completa com duas entrevistas que exploram a homossexualidade.

Uma delas é com Luíza Cristina Silva, militante LGBT e graduanda em Geografia pela UFV, que conta sobre os desafios do movimento, suas ações e expectativas de futuro. E a outra entrevista é com a psicóloga Anna Cláudia Eutrópio B. d'Andrea que trabalha formando profissionais para o desenvolvimento de ações educativas em sexualidade na busca de igualdade e cidadania LGBTT. Ainda na mesma temática, a coluna *Opinião* complementa o debate sobre homossexualidade com o posicionamento de quatro pessoas sobre a atuação do movimento LGBTT na construção de uma identidade e os desafios que esperam para este século.

Antes de encerrar, a Contemporâneos convida a todos para enviar suas contribuições para o dossiê “Imprensa e Mídias”, temática da edição número dez da revista. Os artigos poderão ser enviados até o dia 15 de março de 2012.

No momento, esperamos enriquecer os debates sobre minorias por meio de vários pontos de vista aqui expressos. Acrescentar opiniões e abordagens sobre representações de grupos minoritários na sociedade é um privilégio valioso para questões tão recorrentes na contemporaneidade.